

Descuido pode até matar

“Não, eu não uso proteção. A gente é mesmo metido a bicho. Um dia morre, para que isso tudo?”. A indagação é de “seu José Moreira Passos— mais conhecido como Carajás — um agricultor que já foi vítima diversas vezes de intoxicação por uso de agrotóxicos, o que o deixou inclusive “ruim da vista e com uma úlcera”, afirma sua mulher, Maria Aparecida.

Ela conta que uma vez, há 11 anos, o marido e um empregado que tinham sofreram uma violenta intoxicação com Fozdrinho, um veneno que não é mais comercializado. Mas segundo Maria Aparecida, a culpa é mesmo do marido, que nunca tomou os cuidados necessários para a preparação ou aplicação dos agrotóxicos.

“Ele sempre preparava as coisas com as mãos, e nunca quis usar botas, só anda na roça descalço”. Carajás confirma que continua sem usar proteção pois acha que não tem perigo, principalmente agora, que a venda dos venenos mais fortes só acontece com a receita de um agrônomo.

Ele e Maria Aparecida estão trabalhando no momento na chácara 55, do presidente da Cooperativa Mista do DF, José Acrísio Barbosa, na Estrada Parque Taguatinga, de quem são amigos há muitos anos. Maria Aparecida, mulher de Carajás há 28 anos, conta que ela própria sempre tomou todos os cuidados com os venenos, mas já presenciou a diversos casos de intoxicação, inclusive fatais.

Em Porongatu, Goiás, uma vez um vizinho nosso usou Rhodiatox para curar a ferida de um cavalo e deixou a lata aberta. No dia seguinte, brincando,

seus dois filhos gêmeos tomaram o veneno e morreram na hora: lembra Aparecida.

Também empregado da chácara 55, Luís Sousa Nascimento diz que não usa proteção de luvas, chapéu ou máscara quando vai aplicar algum agrotóxico, apesar de conhecer as determinações, porque já tem experiência. “Eu não fico na frente do vento para não respirar o veneno”.

João Martins dos Santos, empregado da chácara de Masahiro Kawamura, uma propriedade de quatro hectares em Vargem Bonita, conta que nunca teve problema de intoxicação, embora não tome maiores cuidados. Ontem mesmo ele aplicou Tioveu, um remédio pouco tóxico contra o pulgão nas hortas de batatinha da chácara, usando apenas um chapéu para se proteger do sol. João afirma já estar acostumado com o trabalho, mas acredita que aquela exposição “não deve fazer bem”. Segundo as normas de proteção, os remédios classificados como pouco tóxicos devem ser aplicados com máscara, luvas, chapéu, botas impermeáveis e macacão.

“Mas ninguém quer usar as máscaras, porque esquentam muito. Além disso, essa hora não tem mais vento”, afirmou o proprietário da chácara Masahiro. Ele conta que, em 30 anos de agricultor, nunca teve qualquer problema por intoxicação. “Eu também nunca usei remédio forte, porque eu como o que produz. Antigamente tinham muitos casos de intoxicação, às vezes até morte por envenenamento. Mas agora todo mundo usa os produtos mais fracos, pois para comprar os mais tóxicos tem que ter autorização”.